

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis a entrega nas localidades onde houver correos póstales; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 12 números, 2\$500 réis; Semestre ou 6 números, 1\$250 réis; trimestre ou 3 números 700 réis; avulso 40 réis.

—ANNO II—28 DE JANEIRO DE 1883—N.º 49—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 12 números, 7\$000 réis; semestre ou 6 números, 4\$000 réis; trimestre ou 3 números 2\$000 réis; avulso 200 réis.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os sr. **Lino & Faria**, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS—Castello da Pena. A rua de S. Martinho em Tournay. A rendeira. Os dyticos.

TEXTO—Actualidades, por Marcelino Mesquita. As nossas gravuras, por P. C. Roscier, por José Antonio de Freitas. O Domingo dos Bebês, por Cypriano Jardim. O commendador Mendoza, por D. João Valera. Um acto de desapego, por Mery.

ACTUALIDADES

A liberdade!

Quanto eu sonhei com ella; que intima adoração e que profundas convicções de idolatria immensa, lhe não tributei, nos meus tempos de collegial im-

vam o acalmar das afirmações ferventes, para mais tarde, quando ao atravessar o mundo, eu conhecesse de perto, os homens, as suas ambições e o seu egoismo.

E todavia, aquella luz castissima e elevada de confiança plena, começa a diminuir no meu espirito,

na terra da grande Deusa, cujos pés esmagavam o dragão da escravatura humana e cujo labaro de armiuho salpicado de estrellas, acobertava, nas amplas dobras, os pobres, os parias, os desprotegidos.

A liberdade!

É certo que essa luz começa a diminuir e que o



O CASTELLO DA PENA

berbe, cheio de crenças absolutas, intransigente, terrível para tudo e para todos que me prognostica-

adrede, ai de mim, a collocar ao lado das utopias fascinantes, dos sonhos estonteadores, a existencia,

celebra aphorismo, com que um professor allemão, abriu, ha quatro annos, o seu curso—a razão é a

força—que tão intimamente me revoltara, que me arrancara tão cruas phrases de indignação, respeitáveis por convictas, vae tomando no meu espirito o assentimento das tristes verdades, dos factos lamentavelmente inegaveis.

A razão é a força. Hoje que nós assentamos com a precisão d'um calculo mathematico as tres perguntas do sabio Buchaver, *quem somos, d'onde vimos, para onde vamos*, hoje que as nossas affirmações positivas, em sciencia, nos marcam, com a clareza dos axiomas, a larga tela dos nossos direitos e dos nossos deveres, hoje que arrancámos aos velhos prejuizos e regalias a vida despótica, porque lhe abalámos o pedestal da ignorancia em que assentava, hoje, é cru, é torpe, que o egoismo, a vileza, a ambição do homem, conserve de pé a lei da força, que devera morrer na epocha primitiva da selvageria humana.

E todavia vive; o professor que lançara da sua cadeira, este gilvaz sobre a face do nosso seculo, bem de proposito, bem para ser notado, accentuava bem causticamente este seu modo de pensar, com a convicção dos descrentes quando blasfemava. A phrase que pareceu um sacrilegio, dita hoje, ha-de ver o leitor desapaixonado, e sensato, que é uma bella verdade, escondida nas apparencias rendilhadas dos sophismas, ou nos factos politicos de luz, de cerebros entusiastas, em mocidades crentes.

No fundo, no amago dos factos, a justiça desaparece, sendo invocada, como se invoca mil vezes a philosophia christã, para esconder o servilismo da alma nas hypocrisias vilãs, ou para cobrir com a capa da humildade biblica, o roubo e o crime.

Como os corpos puros da chimica se decompõem e estragam ao contacto dos meios que atravessaram a liberdade, pura na essencia, na concepção, na theoria, mancha-se ao ter de descer ao coração dos homens, ao ter de soffrer nos seus cerebros a elaboração pratica.

De vestal, torna-se pagã facil, que todos abraçam e beijam e como a amante condescendente, cada um veste e apresenta a seu modo, como lhe apraz ou convem.

A França expulsa os descendentes dos seus antigos chefes e reis, pelo simples facto de terem sido nascidos d'este ou d'aquelle ventre.

A medida é profylactica, diz-se. A profylaxia que mandasse separar as ambições, os desejos, as esperanças da humanidade, devia mandar construir um cofre Milner, para cada homem, e collocar-os, separadamente, pelas estrellas do ceu.

Não ha direitos superiores ao Direito. Esta verdade absoluta, não ha interesses secundarios de republica, que a possam aniquilar.

Expulsar um homem, hoje, é simplesmente ridiculo; que elle queira um throno, ou um logar d'ama-nuense.

A liberdade da França republicana, tendo na mão a lei da organização intima, o regulamento penal para os individuos que habitam o solo da Republica, expulsa, menospreza a liberdade individual d'um cidadão, pela fatalidade do berço.

Delicioso.

Por este bello processo, nós deviamos pôr na rua os senhores Realistas, os senhores Republicanos, os senhores Socialistas e *tutti quanti*, por shi clamam, às ondas e aos ventos, a abolição da monarchia do sr. D. Luiz.

Elles não acatam o systema estabelecido, elles são um crime com milhares de cabeças, elles são a desordem, a rebelião, o perigo—rua.

E todavia, a verdade, é que elles são a necessida-

de, os perigos. A lucta pela vida do espirito é tão absolutamente verdadeira como a lucta pela alimentação e conservação. Ella é precisa, fatal, indispensavel. Cada homem tem o direito do seu cerebro, escrevendo ou fallando, cada paiz tem o direito do seu codigo penal.

Expulsar um homem, que representa a lucta por uma idéa, verdadeira ou falsa, é uma covardia, que lançamos, cheios de desprezo, às antigas epochas e que reproduzimos sabiamente no nosso seculo.

A aristocracia antiga, repelia o individuo de ventre plebeu, a democracia moderna repelle o individuo de ventre fidalgo; como vingança, mesmo, seria pouco digno da superioridade incontestavel da nossa vida moderna.

O professor allemão tinha razão—o direito é a força; o processo diverge apenas no meio de applicação: na Africa interior, ha o pau nodoso e pontegudo, na Europa ha a penna d'aço ponteguda e brilhante.

Eis porque eu começo a descrever das minhas convicções antigas, e porque a meus olhos cada vez se esfuma mais pelo longe, a figura ideal da Liberdade, como eu a concebia realisavel, sem manchas, com a alvura branca das noivas eternas.

Este foi o mais curioso facto da semana—a lei de expulsão dos pretendentes.

Entre nós, o parlamento dorme o somno dos justos, as arvores do Passeio baqueiam sonoramente no solo, o Tejo continua do mesmo modo a passar pelo Aterroje pela Trafaria, peza sobre nós uma atmosfera baça de marasmo, de insipidez, de que ameaça libertar-nos o Entrudo que se annuncia, cheio de divertimentos—e galhofas.

Folião eterno, que tu sejas bem vindo, gosto de ti, porque atravez das gerações tens conservado inalteravel o teu fato pintalgado e a tua corôa de guizos.

Podias ter querido ser conselheiro d'estado ou ministro, rei ou pápa; nada, tens sido sempre o mesmo, o que fostes no primeiro dia, um truão, um palhaço.

Vem pois, gosto mais de ti: entre o carnaval serio do mundo e a tua pessoa, prefiro-te.

Soyez le bien venu!

MARCELLINO MESQUITA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O Castello da Penna

Não poderíamos agora senão repetir o que dissemos quando publicámos a primeira gravura relativa a este gracioso monumento architectonico. Então demos aos nossos leitores a vista da porta principal, hoje damos a vista geral do edificio engastado n'um verdadeiro macisso de verdura. D'aqui a pouco, quando a primavera derramar sobre aquella esplendida Cintra os thesouros do seu regaço, essa paisagem que o leitor ahi vê na gravura transforma-se n'um verdadeiro paraizo.

A rua de S. Martinho em Tournay

Tournay é uma das cidades belgas, que melhor conservaram o cunho do passado.

Construida n'um fertil valle á beira do Escalda, que divide a cidade em cidade velha e cidade nova, e com bellas e largos caes ao longo do rio, apresenta uma physionomia risonha e animada.

Na parte antiga encontram-se ainda muitas ruas

com umas casas que datam de muitos seculos, e entre estas ruas a de S. Martinho offerece-nos um grande numero de velhas construcções, bastante curiosas debaixo do ponto de vista architectural.

Esta rua conduz á cathedral de Nossa Senhora, que, pelas suas cinco torres se torna distincta de todas as Nossas Senhoras do mundo.

Esta vasta cathedral é, sem duvida, uma das construcções mais esplendidas que existem na Belgica. Destruida pelos Normandos em 892, foi reedificada vinte annos depois. Os trabalhos duraram dois seculos e meio. A extensão da Grande Nave, desde o portal exterior até á capella-miôr é de mais de 54 metros, a sua largura de um pilar a outro de mais de 10 metros.

Grande numero de artistas ligaram o seu nome a esta magnifica construcção; citaremos Lucas Adriens a quem se atribuem os vidros pintados do côro; Cornelio Floris, Lecreux que fez uma estatua colossal de S. Miguel, Gerardo Seghers, Lucas Francisco, Jordaens, Rubens e outros pintores cujas obras ornaram o interior do templo. O thesouro encerra objectos curiosissimos entre os quaes uma casula dada por Thomaz Becket, arcebispo de Cantorbery, quando esteve em 1165 em Tournay, e uma capa de veludo, que servio a Carlos V quando presidio o capitulo do Tosão de Ouro na capital em 1531.

O campanario municipal de Tournay, situado na praça principal, é o monumento mais antigo d'este genero que a Belgica possue.

A rendaire

Porque será que em Portugal a industria das rendas é uma industria essencialmente maritima? Porque serão principalmente as mulheres e as filhas dos marinheiros que tecem com as suas rudes mãos esses aerios bordados? Será porque ha não sei que relação entre as rendas que orlam um vestido de veludo e a espuma que franja o vestido verde do oceano? Será porque a vaga denticula a rocha e borda assim na pedra nos arrendados graciosos? Será porque esse trabalhador ingente, o Oceano, arroja á praia as conchas ligeiras tão finamente trabalhadas, que as mulheres costumadas a contemplar o mar immenso e os finos labores dos seus buzios se deixam seduzir pelas tentações da imitação? Será porque se deva ligar com a pureza virginal do Oceano tudo quanto seja immaculado e casto, rendas e perolas? Será porque, sendo o Oceano um eterno contraste, ligando os rugidos do leão com o arrulhar das pombas, tambem de pombas e de leões se deva compôr a população que habita nas suas praias, leões que affrontam em frageis hateis as suas fúrias, pombas que no recinto modesto das suas casas se curvam sobre um trabalho delicado e ethereo? Talvez afinal de contas encontremos uma explicação mais preciosa, e é que, sendo a industria das rendas no seculo XV e XVI uma industria essencialmente flamenga, e sendo com Flandres que nós n'esses seculos tivemos relações maritimas e commerciaes mais constantes, de lá trouxeram os nossos marinheiros a idéa, e naturalmente nos sitios, aonde primeiro aportou a innovação, ahi primeiro se fixou tambem. E esta supposição é confirmada pelo facto de ser Vianã do Minho um dos grandes centros portuguezes da industria das rendas, e ser tambem Vianna o porto portuguez que tinha com Flandres (depois dos dois principaes) mais continuadas relações.

Seja como fór, é certo que nada ha mais delicioso e mais poetico do que ver em Peniche, n'essas pobres casas d'onde se contempla o eterno tumultuar das vagas do Oceano, umas pobres raparigas eter-

namente curvadas sobre o seu improbo trabalho. Elles os maridos, os paes, os irmãos, lutam braço a braço com o Oceano furioso, ellas competem com o Oceano que arrenda os lavores das conchas e as denticulações das rochas. Elles outrora quando havia baleeiros em Portugal, arrancavam do seio dos mares esses enormes monstros, ellas arrancam do seu trabalho e da sua phantasia essas rendas delicadas, que vão ser de envolta com as perolas, o mais casto e delicioso ornamento das caudidas virgens e das castas esposas.

Os Dyticos

Os dyticos são insectos coleopteros carnivoros aquaticos. A cauda serve-lhes para agitar a agua com força quando querem mudar de logar, e as patas auxiliam a natção. As larvas ou lagartas dos dyticos são muitissimo carnivoras; atacam as larvas dos libellulas e de muitos outros insectos.

Quando attingem o seu maior desenvolvimento sahem da agua, meltem-se na terra humida, e ahi passam ao estado de nymphas. Esta metamorphose effectua-se ás vezes ao cabo de quinze dias. O mesmo espaço de tempo é necessario para que a nympa se converta em insecto perfeito.

Dos dyticos pôde dizer-se que a larva é aquatica, a nympa terrestre, e o insecto amphibio. Habitam as aguas doces, principalmente as tranquillias, nadam com extrema facilidade e rapidez, sendo todavia organisados por forma, que podem sahir da agua e transportar-se de um logar para outro. Podem andar e voar, produzem um zumbido semelhante ao do bezouzo. Por via de regra mudam de logar durante o crepusculo da tarde.

Medem 0,25 de comprimento, e encontram-se na França e na Alemanha.

P. C.

ROSICLER

OS DOIS POMBOS

(La Fontaine)

Amavam-se dois pombos ternamente
Com suave meiguice e amor profundo.
Um d'elles — que loucural — de repente
A' casa toma tedio, quer ver mundo.

«Que vás fazer? diz-lhe então
Já saudoso o companheiro:
Medita, pensa primeiro:
Assim deixa teu irmão?»

Ninguém duvida que a ausencia
E' dos males o maior...
Não para ti... só se fór
Que os trabalhos, a inelencencia,

E d'essa jornada o perigo,
Que pretendes arrostar.
Possam teu peito mudar
Em peito bondoso e amigo.

Se mais perto a primavera
Sorrisse alegre, então... vá!
Quem te obriga a partir já?
Espera o zephiro, espera.

Ha pouco, um sinistro corvo
Croctou, e á nossa meça
Agoirou muita desgraça
Em tom propheticô e torvo.

Só nas coisas infelizes
De ora ávante pensarei,
Em redes, falcões... que sei?
Tiros, flechas e buizes

Ai! (dizei quando chover)
O meu irmão, coitadinho,
Terá cecia, terá ninho,
E tudo o que lhe é mister?»

Esta linguagem doce e meiga da amizade
Entenece-o fiz:
Mas nenhuma razão do intento dissuade
O viajante andaz.

«Não chores, tres dias bastam-me,
(Já vês que é curta a demora)
Para matar este fervido
Desejo, que me devora.

Quando voltar, com que jubilo
Referirei por minuto
Aventuras, episodios,
Incidentes... tudo, tudo!

Quem não viaja, é certissimo
Que pouco pode contar.
Eu te direi que em tal epocha
Achava-me em tal logar.

E tu enleavado, extatico
D'ouvir uma historia assim,
Has de julgar, asseguro-te,
Que estavas ao pé de mim.»

Assim fallou, e em pranto de saudades
Despediram-se os dois. O viajante
A jornada começa. Não distante
Da casa, que fugira, carregada
Erge-se no occidente escura nuvem,
Que em chuva se desliza, e o peregrino
Corta os ares em lonco desatino,
Um albergue buscando, uma pousada.

Negro tronco de folhas quasi nu
Se lhe dopara então vira ligeiro,
E mal pôde topar de velho almeiro.
Entre a folhagem rara asylo pobre.
Depois, quando outra vez se anila o ceo,
Frio, molhado sulco do humilde abrigo,
Enxuga-se, prosegue, e muito trigo
Espalhado no campo alem descobre.

Um sen egual vê perto, e sem detença
Dirige-se p'ra lá:
Mas quando cuida mais, quando mais penha
Que lhe ó dado fruir ventura immensa,
N'um lego preso está,
Que por não ardilosa, enganadora
Por debaixo do trigo armado fóra.

Não era forte o laço, o triste apenas
Enredado se encontra, por tal arte
Lida, teima, e trabalha
Com as azas, bico e pés, que emfim o parte,
Liberta-se de novo, muitas pennas
Deixando na batalha.

Mas a fortuna má, que o segue, e nutre
Contra o pombo infeliz odio entralhado,
Já lhe mostra nos ares um abutre
Que voraz, estúpido
Mal o avista, a vontade sente accêsa
De lhe deitar a garra, e fazer presa.

E o misero, que traz restos de guita
A cortar-lhe inda os pés,
Um galeoto, um criminoso imita
Fugido das galés,

Eis que porém n'aquelle mesmo instante,
Batendo as azas longas,
Dos ares arrecessa-se gigante
Uma aguia, e sem delongas
Trava-se entre os ladrões rudo peleja
Por lograr cada qual o que deseja.

O pombo, como terceiro
Aproveita do combate:
Erge o vôo, e só o abate
Quando encontra um pardieiro

De seu barbaro destino
Suppondo o pobre animal
Que a peripécia final
Era este caso mofo:

Mas um rapaz turbulento
(Não tem compaixão a infancia!)
Uma pedra com tal aueia
Lhe envia, que sem alento

Quasi o prostra, Maldizendo
A sua curiosidade,
Vae para o-sa gemendo
Meio cêxo, meio morto,
E sem outra novidade
Chega do ninho ao conforto.

JOSÉ ANTONIO DE FREITAS.

O DOMINGO DOS BÉBÉS

SERÔES HONESTOS

(Contos)

OS NOSSOS PAES

Havia muito tempo já, que o avô estava para alli.
Era um abandonado.

Naquelle alcova pequena, desmobiliada, triste, onde não chegava um ruído exterior, via-se o velho, muito branco, fraco, os magros braços pendentes, a olhar deante de si, n'uma interrogação estranha, sem sentido, como que a fazer uma grande pergunta, demorada, profunda, que ninguem podia entender.

A fina restea de sol ia percorrendo as taboas do sóbrado, muito devagar, n'um grande silencio de solidão, apenas interrompido pelo zumbir das moscas que se perseguiam no espaço, agitando a leve poeira, suspensa na estreita facha illuminada...

E o velho ia seguindo com os olhos escondidos nas orbitas profundas, o raio frôxo do sol, até que o via adelgaçar-se pouco a pouco na parede, e desaparecer por fim, como desapareciam, cada dia, as suas illusões, as suas crenças, as suas esperanças na amidade, na gratidão dos que elle amava, d'aquelles que o tinham deixado para alli, como um cão fiel, ja velho e inutil.

Os filhos, esses, sahiram muito, passeavara, divertiam-se, gosavam a vida, que não era, realmente, má, tendo-se meos e saude, como elles tinham.

O Julito, o filho, nem sempre ia com os paes; muitas vezes ficava em casa, entregue á creada, entretido no quintal, a fazer cascas de terra amassada, em quanto esperava que os paes lhe trouxessem as grandes encomendas de bonitos, que sempre lhes fazia.

A creada janellava; aproveitando, como era seu direito, a liberdade da ausencia dos amos, ia conversar com as vizinhas sobre as coisas da casa, contar-lhes a vida dos patrões, e a vida do velho.

A vida do velho principalmente: não se podia calar com aquillo, e ao contar, muito indignada, aquelle grande abandono em que os filhos o tinham, terminava sempre com a sua boa phrase de censura desprezadora:

— Uns trastes!

Alta...

A phrase da creada era verdadeira; a Amelia de certo sabia a historia dos patrões.

A mãe de Julio era filha d'um commerciante abo-

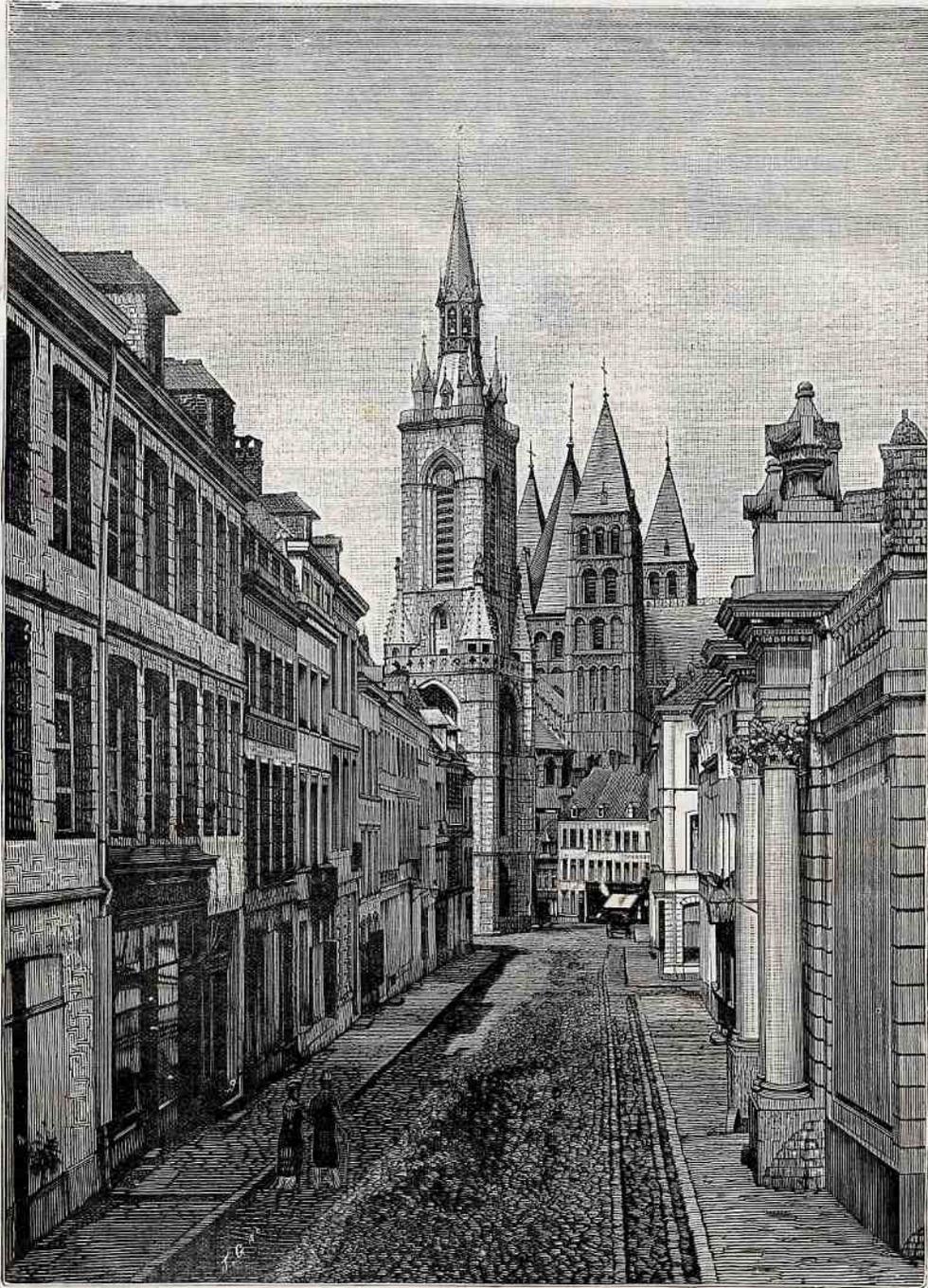
ria a obrigação de sustentar o pae durante o tempo que ainda vivesse, depois de despedido do serviço activo.

—Que não seria muito, pensavam os noivos.

O velho foi vivendo; dois annos depois do casamento, mandaram-no embora da repartição, para se

do cerco do Porto, onde estivera mettido quando desembarcou, vindo da Ilha.

Depois distrahia muito um filhito que lhes nascêra, o Julio, que tambem gostava muito do avô, que lhe recortava soldados de papel, colando-lhes taboinhas por detraz, para se susterem em pé...



A RUA DE S. MARTINHO EM TOURNAY

nado, o qual nunca vira com bons olhos o namoro da rapariga, jurando-lhe, sobre o balcão, que nunca consentiria no casamento, sem seguras garantias de dinheiro que fizesse um dote ao rapaz.

O velho então sacrificou-se: as economias ajuntadas durante quarenta annos de serviço de secretaria, passaram a ser doação ao filho, a quem só fica-

dar o logar a um protegido com votos, e o homem foi para casa do filho e da nora, que deviam cumprir o contracto feito.

Ao principio foi tudo bem; deram-lhe um quarto esteirado, e sentaram-no á meza.

O velhote era agradável; contava historias que ainda entretinham: coisas da sua vida de campanha,

Mas um dia o avô teve um insulto apoplectico, e ficou-lhe, do ataque, um tremor constante das mãos, que já o não deixava recortar os soldados, nem colar-lhe por detraz os bocadinhos de madeira.

Para o Julio, era um inutil.

Abandonou-o.

Para os filhos, o velho era mais do que um inútil: era um incommodo.

Com aquelle tremor nas mãos não se podia já sen-

n'uma tigella de barro, que lhe punham entre os joelhos, com uma colher dentro.

—Que se arranjasse como quizesse, mas a meza é que não podia ser: enxovalhava tudo—uma vergonha, quando entrasse alguém!

existencia, já longa demais...

Eram dias lentos, enormes, aquelles. A's vezes sentava-se no poial da janella estreita, e esquecia-se de todo, com a cabeça branca metida entre os punhos, a olhar vagamente para uma nesga de terra



A BENEIRA

tar á meza. Ao levar a colher á boca, entornava a sôpa por fóra do prato, e não podia pegar no copo do vinho, que não deixasse logo na toalha uma grande noíoa rôxa!

Nada! era preciso dar-lhe de comer á parte!

E mandaram-no para aquella alcova que ficava por detraz da cosinha, onde lhe davam a comida

E o pobre homem abandonado, perdido para alli com os seus pensamentos de desillusão no amor dos filhos, começou a ver passar as horas infinitas, na grande inercia desconsolada da indiferença pela vida, a sentir aproximar-se o bom momento final do descaço eterno, que traz o sonho de que se não acorda, e o esquecimento feliz das desgraças d'uma

inculta, bravía, onde os cardos e as ortigas cresciam n'uma triste quietação vegetal, e onde ás vezes passava, pela terra gretada do sol ardente, algum lagarto verde que procurava a sombra de qualquer pedra cahida do muro esburacado, velho, que tremia, como elle, á passagem do vento...

Uma desolação igual á sua...

A's vezes o Julito ia ver o avô.

Mas não era a afeição o que o levava ao quarto do velho; queria vêr o que elle fazia alli, sempre tão quieto, tão calado... lá vêr o que era feito d'elle, se ainda vivia.

E punha-se então a olhal-o de longe, da porta, admirado da sua quietação resignada, escrava, emquanto que elle, uma creança, tinha exigencias, gritos, vontades que eram logo satisfeitas, cumpridas pelos paes, mal elle as manifestava...

E raciocinava:

Sendo elle uma creança, valia muito mais do que o velho, que estava para alli abandonado, expulso da mesa, n'um desterro de todos os bens da vida, imposto pelos proprios filhos...

Em quanto que elle, que era filho dos filhos...

E começou então a concluir, no seu grande egoismo de creança, que aquillo, a final era regular, justo.

O avô, a elle, já não lhe servia de nada; aos paes tambem não servia, visto que já não ganhava coisa alguma, e tinha de ser sustentado por elles; depois era já tão velho, que não dava esperanças de vir ainda a valer, de servir para alguma coisa...

Realmente, se elle já não podia curar-se d'aquella doença que sujava a meza, e estragava o fato, que mais queria elle, o avô?

Davam-lhe de comer, que mais queria?

Um dia o velho, na grande tremura da sua doença, deixou cahir das mãos a tijella da comida, que se espalhou toda pelo sobrado, com grande ruido de cacos, e grandes nodos gordurentas nas taboas; — uma desgraça!

A Amelia quiz ainda encobrir o caso, apanhar os pedaços, dar outra tijella ao pobre homem; mas os filhos tinham ouvido o estrondo, e chegaram logo, colericos, inquisidores:

—Era demais!... pois até as tijellas partia! Nada!... «Elles bem sabiam o que haviam de fazer!...»

E no dia seguinte deram a creada uma especie de gamella de pau, tosca, forte, coisa que elle possesse deixar cair, que não se partisse assim! Pois então!

A Amelia revoltou-se contra tanto desprezo, tanta ingratidão:

—Que as gamellas eram para os cães, e para os porcos! Não se tratava assim uma creatura de Deus!

E, muito levada da sua indignação, gritava para a ama:

—E olhe a senhora, que eu, sendo uma reles creada, sou muito bem capaz de comprar a minha custa, uma tijella nova para o homensinho!... Olé se sou!...

Quizeram pol-a na rua: calou-se.

Calou-se, mas nada arrependida do seu atrevimento; e teria logo deixado a casa, — aquella patifaria — como lhe chamava, se não fosse o pensar que o pobre velho, no meio de taes filhos, não teria uma pessoa que olhasse por elle; teria já morrido de fome, se ella, que era uma criada, não tivesse o cuidado de lhe levar a comida ás horas, — uns trastes!...

E o avô começou a comer na gamella de pau, sem saber que tinha familia, parentes, uns filhos a quem algum dia tivesse dado tudo quanto possuia.

A sua familia era a Amelia, aquella creada que ainda lhe dizia nmas palavras de allivio, de amizade, misturadas com outras tantas em que injuriava uns ingratos...

Para maior desgraça ainda não chegara ao desgraçado avô, o idiotismo senil.

N'uma tarde, os paes de Julito, entrando de um passeio, encontraram o pequeno, ao fundo do quintal, muito atarefado em trabalho de importancia.

Sentado na terra, a cabeça descohera, e as bagas de suor a correr-lhe pelo rosto, o Julito batia com um grande martello, pedaços de tabua que ajuntara pelas loges, com pregos servidos, muito tortos, ferrugentos... um trabalho difficil.

Elles riram-se, e quizeram saber:

—O que é isso, Julio?... que estás tu fazendo? Que é isso?

—Isto, disse Julio, muito orgulhoso: isto é uma gamella para eu dar de comer ao papá e à mamã, quando forem velhos como o avô.

Ao jantar do dia seguinte, o avô, sentado à meza da familia, era animado, festejado pelos filhos; e a Amelia, na sua janella da cosinha, em grande conclave de visinhas, commentando o caso, affirmava:

—Os trastes emendaram-se; quem fez tudo foi o pequeno! Pois então!... filho és, pae serás!...

CYPRIANO JARDIM.

O COMMENDADOR MENDOZA

POR

D. JOÃO VALERA

(Continuado de pag. 384)

VII

D. Fadrique estava encantado com o seu modo de vida. Corria-lhe o tempo de uma forma agradabilissima, ora lendo, ora conversando ou passeando com o padre Jacintho, ora em excursões campestres e venatorias com o mesmo padre e com o chistoso e alegre tio Gorico.

D. Fadrique não experimentava o minimo desejo de ir a outra terra, abandonando Villaberneja, mas D. José tinha quarto preparado para recebê-lo em sua casa na cidade, e taes foram as instancias, que não houve remedio senão ceder-lhes.

O Commendador foi passar todo o mez de maio na cidade. Chegou no ultimo dia de abril à tarde, e como a viagem é um passeio, esteve conversando aquella noite até as onze horas, o que em 1794 era grande vigilia. Dois ou tres fidalgos; outras tantas senhoras já maduras; duas rapariguitas amigas de Luzia, sobrinha de D. Fadrique; um respeitavel senhor cura e um cavalheiro estrangeiro muito elegante compunham a reunião da casa de D. José, que principiou antes de anoitecer.

Ninguém attrahia a attenção de D. Fadrique que era muito distraído. Era necessario que as pessoas lhe agradassem ou desagradassem para fital-as, e com grande difficuldade conseguia algum agradar-lhe, e muito menos desagradar-lhe. E por isso, mostrando-se muito urbano para com todos, a nenhum distinguio especialmente.

À hora propria serviu-se o refresco.

Appareceram primeiro duas creadas collocando pratos, guardanapos e colheres de prata; logo após entraram outras duas creadas, que traziam bandejas cheias de taças de crystal com diferentes doces. Cada conviva foi tomando no seu lugar uma taça do que mais gostava. As creadas das bandejas passaram novamente levantando as taças vazias, e pedindo aos senhores que tomassem outra de outro doce como de facto tomaram muitos.

A historia, prolixa n'este ponto, refere que os doces eram de nozes verdes, de limão, de tomate e de folhas de tarangeira. Tambem houve xarope d'alperche.

A nymphas da cosinha, mui compostas e com muitas flores, serviram copos de licor, que só beberam os cavalheiros; e por ultimo trouxeram chocolate com biscoitos, pão de azeite e folhados. Terminou tudo com agua, que as creadas serviram em copos de crystal e vasos odoriferos.

O refresco tomou-se com toda a cerimonia e poucas palavras. As cadeiras encostadas à parede, e todos os convivas sentados sem pôr uma perna por cima da outra, nem voltar-se para nenhum lado, sem grandes movimentos.

Depois de tomado o refresco houve mais alguma lilerdade e expansão, e Luzia atreveu-se a pedir ao rapazito que recitasse uns versos.

—Sim, sim, — disseram em côro quasi todos os convivas — recite.

—Recitarei alguma coisa de Melendez, disse o joven.

—Não, alguma coisa sua — tornou Luzia. Saiba, meu tio, accrescentou ella dirigindo-se ao Commendador, que este senhor é um grande poeta e um grande estudante. Verá que lindos versos sabe elle fazer.

—E' muito amavel a sr.^a D. Luzia. A amizade, que me tem, engana-a. O senhor seu tio fica desatento quando me ouvir.

—Confio tanto no fino gosto de minha sobrinha, disse o Commendador, que duvido que se engane por maior que seja a sua amizade. Estou quasi convencido de que os versos são bons.

—Vanos; recite, D. Carlos.

—Não sei quaes hei de recitar, que nassem menos, e que nos deixem sahir airoosamente a mim, que sou o auctor, e a sr.^a D. Luzia que fica por mim.

—Recite, accudiu Luzia, os ultimos que fez à Clori.

—São muito compridos.

—Não importa.

(Continua)

Prevenimos os nossos leitores de que somos obrigados a dar hoje só uma columna do romance *O Commendador Mendoza*, para não cortar a poesia, que se segue immediatamente à parte publicada n'este numero. A poesia é formosissima, como tudo quanto sahe da pena do sr. D. João Valera. Na contextura da phrase, nas allusões mythologicas e na metrificacão conserva o valor das composições poeticas do tempo, em que se desenvolve o romance.

UM ACTO DE DESEPERO

POB

Mery

(Versão portuguesa de Julio de Magalhães)

(Continuado de pag. 384)

III

Adoptadas que foram todas as disposições, necessarias ao exacto cumprimento do programma traçado pelos dois marinheiros, Xavier sahio de casa no meio da noite com um grande numero de exemplares d'aquella proclamação, que affixou em todas as esquinas das ruas, e nos lugares mais frequentados. Ao nascer do sol o sberiff recebeu uma carta em que os dois amigos o convidavam a ir sem perda de tempo a casa d'elles, para interesse da cidade de Dublin.

A quella hora matinal ainda a cidade não tinha os olhos bem abertos para poder ler a proclamação dos dois marinheiros.

O sheriff, que tinha boas razões para julgar que os dois francezes eram capazes de todas as loucuras, pôz de parte a differença de jerarchias, e accedeano convite. Dirigiu-se pois a casa dos dois marinheiros, os quaes o receberam no quarto da polvora com todas as attentões, devidas á sua elevada posição. Celestino offereceu-lhe uma cadeira, e disse-lhe em seguida:

—Honrado e illustre sberiff: eu e o meu camarada aqui presente tomamos a liberdade de lhe pedir, que se dê ao trabalho de ler este exemplar da proclamação que acabamos de affixar em todas as esquinas de Dublin.

O sheriff olhou com expressão de surpresa para Celestino, pegou no papel, poz os olhos, e procedeu á leitura da proclamação, cada um dos artigos da qual lhe fez dar um grande pulo na cadeira.

Logo que acabou de lêr, olhou espantado para os dois marinheiros que sorriam.

—Honrado e illustre sberiff da nobre cidade de Dublin, tornou Celestino: agora conhece já os nossos desígnios tão bem como nós. Resta-nos apenas fazer-lhe a apresentação do nosso palladio: é uma pequena machina infernal para uso domestico, que está diante dos seus olhos... um pequeno vulcão de algeibra... Não tenha medo... não grite, honra-lo sberiff! ao mais leve brado que soltar dos labios, iremos todos pelos ares, e faremos uma viagem por cima do zimbório de São Patricio. Veja o meu camarada Xavier, que está armado com o competente murrão acceso... Este é que pôde chamar-se o verdadeiro fogo de vista, porque arde constantemente... A unica differença que existe é terem mudado de sexo as vestaes. Que lhe parece a nossa idéa, honrado e illustre sberiff?

O velho magistrado, immovel de estupefacção e de receio, olhava silencioso para o barril ameaçador, que se achava pregado no sobrado.

Celestino pegou em um punhado de grãos de polvora, e, apresentando-o ao sberiff, disse:

—Pode ver, illustre sberiff: a polvora é de superior qualidade: avalie pela amostra o que será o nossa Vesuvio em miniatura. Leve essa pequena porção para a mandar analysar pelos seus chymicos. E agora, honrado e nobre sberiff, damos-lhe inteira liberdade para se retirar...

O velho magistrado levantou-se, sem se atrever a mostrar no semblante uma qualquer expressão, que podesse offender os dois terríveis inimigos, e sem pronunciar uma palavra unica, pois que, se fal-

lasse, não poderia deixar de censurar, na sua qualidade de magistrado digno e conscio dos seus deveres, o crime d'aquelles projectos incendiarios.

Celestino e Xavier acompanharam o sberiff até á porta do quarto da polvora. O primeiro dos dois marinheiros obrigou-o a levar consigo a amostra da polvora dentro de uma pequena caixa, e o segundo fez com o murrão acceso um movimento, semelhante ao de uma sentinella apresentando a arma a um superior.

Passadas apenas algumas horas, era facil ver que a proclamação havia produzido o seu effeito. Nas immedições do monumento de Nelson, e em frente do palacio do correio, a multidão, que habitualmente costumava reunir-se ali, estava reduzida a dois ou tres pequenos grupos pouco numerosos, em que transpareciam todos os indícios de uma inquietação profunda. O bairro de Sakeville estava inundado de agentes de policia, os quaes porem affectavam a mais completa e absoluta despreoccupação de espirito, e nem mesmo levantavam os olhos para a casa, onde os dois marinheiros haviam estabelecido o vulcão.

Ao longe avistava-se o venerando sberiff, que parára fóra do alcance da erupção, e que, a julgar pelos seus gestos, parecia estar recomendoando a maior prudencia aos seus interlocutores.

Precisamente no momento em que acabavam de resoar nos ares as doze badaladas do meio dia, Celestino, trajando o seu uniforme de marinheiro, e ostentando no chapéu de oleado um grande tope com as côres francezas, sahio ousadamente de casa e deu alguns passos sobre a calçada de Sakeville. Logo que se achou no meio d'aquella rua de uma largura immensa, voltou-se para trocar saudações com o camarada Xavier, o qual appareceu durante um momento na janella com o murrão acceso em uma das mãos.

Celestino avançou resolutamente para o sberiff, e disse-lhe:

—Até o presente momento, honrado e illustre sberiff, caminha bem as coisas. Dublin ha de mostrar a sua prudencia e sensatez, e nós ser-lhe-emos eternamente reconhecidos.

—Mas, senhor, atreveu-se o sberiffe a replicar, e serviço do correio está soffrendo muito, as lojas não se abrem em Sakeville-Street, e é geral a inquietação!

—Inquietação, illustre sberiff! exclamou o marinheiro. Não comprehendendo a razão de um tal facto! As nossas intenções são puras, e perfeitamente legitimos os nossos desígnios. A inquietação dos habitantes de Dublin era razoavel e bem cabida, na occasião em que a mão de um criminoso incendiario o nosso museu, e nos reduzia á miseria. Agora faça Dublin o seu dever, e ninguém terá razão para queixar-se. Vou mandar preparar o nosso almoço no hotel de Greamesh, que é o primeiro do mundo. Deixe-me porém fazer-lhe uma prevenção, honrado e nobre sberiff: á mais leve dôr de entranhas, que sentirmos, julgar-nos-emos envenenados, e irá pelos ares o bairro de Sakeville. Estão previstas todas as eventualidades, illustre sberiff, e até mesmo uma qualquer tentativa de envenenamento.

—Oh! senhor! nada receie...

—Receiar, eu! é Dublin que deve ter receio! Eu chego a considerar-me já homem morto... Desde que nasci a bordo do *Juliano*, tenho visto a morte diante dos olhos cinco ou seis vezes, como estou vendo o uobre sberiff, e nunca tremi.

—Mas, por quem é, senhor, tornou o sberiff com accento persuasivo e quasi supplicante, renuncie a essa abominavel loucura... veja que...

—Não diga uma unica palavra mais n'ósse sentido, sberiff, interrompeu o marinheiro, se não quer que eu faça um signal ao meu companheiro, e que vamos todos fazer uma viagem até ás nuvens.

E em seguida, dirigiu-se á multidão que o rodeava, o marinheiro acrescentou com accento imperioso:

—Ordeno-lhes que se retirem, meus senhores; preciso de muito ar para respirar.

A turba dispersou-se em um abrir e fechar de olhos. O sberiff desapareceu tambem.

Celestino sentiu-se dominado por um justo sentimento de orgulho, por ver com quanta facilidade as suas palavras lançavam a consternação entre os habitantes de Dublin.

Dirigiu-se com passos magestosos para o hotel de Greamesh, e pediu o almoço com arregocho de marinheiro.

A crealagem dos dois sexos, levando na frente o *landlord* (dono do hotel), correu pressurosa a cumprir as ordens de Celestino. O almoço compoz-se de mais de trinta pratos diferentes, de vinhos do Porto, de Sherry, de Claret, etc.

Terminada que foi a principesa refeição, o marinheiro fez uma escolha nos pratos intactos, mandou metter os escolhidos e as competentes garrafas de vinho em um grande cesto, e chamando o *landlord* disse-lhe:

—E' este o almoço do meu camarada Xavier. Os restos da minha refeição deverão ser dados áquelles grupos de mendigos, que estão na rua, e que olham para mim atravez das janellas.

O proprietario do hotel inclinou-se, e fez um expressivo gesto de obediencia ás vontades do barril de polvora visinho, representado pela pessoa do marinheiro francez.

Celestino sahio em seguida, e fez o signal convençionado antes de abrir a porta do quarto, em que se achava o vulcão. Xavier aproximou do barril o murrão acceso, e esperou que o camarada entrasse.

IV

Passados alguns momentos, Celestino penetrou no quarto da polvora, cuja porta fechou á chave, e começou a collocar sobre a meza as provisões destinadas ao seu companheiro.

—Rogosija-te comigo, camarada Xavier, disse elle assentando-se: as coisas correm ás mil maravilhas. A nossa machina de guerra está admiravelmente montada; Dublin é nossa... Que esplendido almoço o que acabo de devorar em casa de Greamesh! que vinhos! e que attentões as dos creados, que me serviram! Almoça, almoça tambem, meu amigo; já encomendei o jantar para as sete horas; verás que profusão, que magnificencia...

—E o sberiff? perguntou Xavier, que estava já fazendo honra ao almoço com magnifico appetite.

—O sberiff tem medo, Xavier; o sberiff conhece-nos bem; e sabe, assim como todos os habitantes de Dublin, que nenhuma difficuldade teremos em cumprir as nossas ameaças. A policia anda em confusões; procura um qualquer expediente, mas debalde; nada encontra. Ha pouco, no momento em que chegava á porta de casa, encontrei um homem bem vestido, que se dirigiu para mim com toda a urbanidade, e me disse:

«—Por quem é, capitão, não deixe de recolher a casa ás cinco horas.

«—Que interesse tem o senhor n'isso? lhe perguntei eu.

«—Eu sou Ricardo Schwab, seu visinho...

«—Ah! compreendo, lhe disse eu. Esteja tranquillo, visinho; hei de ser prudente. Mas para isto é preciso que Dublin seja tambem sensato.

«Escuso de dizer-te, que o nosso visinho Ricardo Schwab protestou energicamente, que estava certo da sensatez de Dublin.

—Faça Dublin o que quizer! exclamou Xavier. Se de qualquer modo manifestar a mais leve intenção de reagir contra as nossas imposições, que aliás são tão justas, iremos todos dar um passeio nas regiões da lua e das estrellas.

—Oh! os habitantes de Dublin sabem isso muito bem. Palavra de honra, estou contentissimo com os horisontes, que vejo abertos diante de nós. Tenho cem projectos na cabeça, amigo Xavier... A primeira coisa que vou fazer é pedir em casamento a filha do nosso abastado visinho Ricardo Schwab.

—Oh! Celestino!

—E ao mesmo tempo arranjaréi tambem uma noiva para ti, Xavier; dou-te a filha de Greamesh, que é encantadora, e que tem um dote de cem mil escudos, nada menos!...

—Que nos importa o dote, Celestino? não vêes que estamos presos por toda a vida áquelle barril de polvora? como queres tu que disfrutemos as vantagens de possuir uma fortuna?

—Meu amigo, o futuro pertence a Deus! Em todo o caso, se se nos proporcionar ensejo para haver ás mãos um bom dote, não devemos de modo algum perdê-lo. E portanto está a questão resolvida: amanhã pedirei a mão de miss Schwab para mim, e a de miss Greamesh para ti...

—E se os paes das nossas noivas te responderem com um redondo «não»?

—Iremos todos pelos ares... é esta a nossa resposta para tudo... Amanhã hei de dar as necessarias ordens, para que o primeiro estofador de Dublin vá desde já preparando os seus melhores veludos e brocados para adorno das nossas camaras nupcias. Verás, amigo Xavier; havemos de ter dois festins soberbos...

—Onde?

—Onde?! em casa de Greamesh, que tem magnificos salões. Ha de realizar-se primeiro o teu casamento, e depois o meu; é feroz que fique sempre um de nós guardando o vultão. Convidaremos para os nossos casamentos a sociedade mais elevada de Dublin; dansaremos até o nascer do sol, e devoraremos em um festim e baile cem mil francos...

—Mas... quem ha de pagar tudo isso?

—Valha-te Deus, Xavier! Não de pagar tudo os nossos sogros, que são riquissimos.

—Sim, tens razão, Celestino; mas... como acabará tudo isto?

—Não sei, nem quero saber, Xavier; talvez isto dure sempre, e não vejo que seja necessario acabar.

Tenho tambem idéa de entrar na carreira administrativa; exigirei para mim o lugar de *maire* de Dublin, e o de *prefeito* do departamento da Irlanda para ti. Em quanto esperamos ensejo proprio para satisfazer as nossas ambições, começemos pelas coisas mais faceis: antes de mais nada casemo-nos. Havemos de ter muitos filhos, que estabeleceremos vantajosamente nos tres reinos.

Esta conversa íntima foi interrompida subitamente pelo estrepito tumultuoso de uma desesperada musica ingleza, que atroava Sakeville-Street com as suas desafinações. Celestino abriu e fechou a porta com as precauções do estylo, e desceu á rua, onde

encontrou ainda o seu visinho Ricardo Schwab, que parecia empenhado em seguir todos os seus movimentos.

—Que é isto? perguntou vivamente o marinheiro, dirigindo-se a Ricardo Schwab.

—É a philharmonica de Dublin que passa, respondeu Ricardo polidamente.

—Para onde vae?

—Para *Town-Hall*.

—E que vae fazer em *Town-Hall* aquella musica dos condemnados?

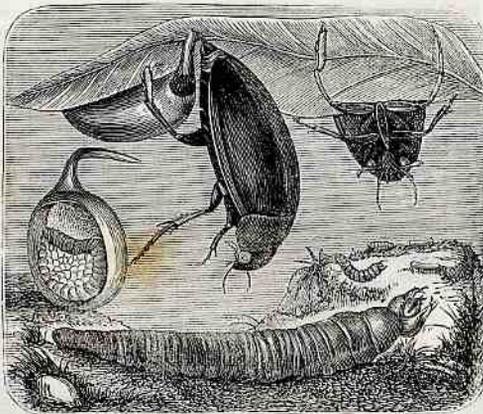
—Vae acompanhar trezentos coristas, que devem cantar o *Great-God*, e a *Creação* de Haendel.

—Amigo e sr. Ricardo Schwab: vá dizer ao regente d'aquella philharmonica, que eu e o meu companheiro gostamos muito de musica, e queremos ouvir o *Great-God* e a *Creação* debaixo das nossas janellas, hoje mesmo antes do pôr do sol.

—Capitão, respondeu Ricardo Schwab: vou diligenciar arranjar isso...

—Como assim?! hesita, visinho?

—Não, não; nada ha mais facil, do que satisfazer esse desejo. Vou d'aqui fallar com o sheriff, e pode desde já contar com o concerto debaixo das suas ja-



OS DYTICOS

nellas.

Celestino tornou a subir a escada, e annunciou ao camarada Xavier o concerto da tarde.

—Se vier com effeito aquelle exercito de musicos tocar e cantar debaixo das nossas janellas, será um grande triumpho para nós! disse elle por fim.

E foi collocar-se junto da janella, á espera dos cantores e da philharmonica.

Uma hora antes do pôr do sol, viu apparecer na extremidade de Sakeville o seu visinho Ricardo Schwab, que caminhava com modos triumphantes. Era elle quem formava a vanguarda da philharmonica.

O exercito dos executantes desfilou ao longo da rua, que é talvez a mais larga de todas as ruas do universo, e foi formar em columna na frente do *Post-Office*. Serviu de abertura do concerto uma estrofica symphonia, em que cada um dos musicos, segundo o uso, tocou a sua aria favorita, com a nobre independencia que caracteriza o artista inglez. Em seguida precipitaram-se sobre o pobre Haendel trezentas gargantas enraivecidas, e espatifaram-n'o sem dó nem compaixão.

Celestino, do alto da sua janella, agradeceu com dignidade aos coristas e aos instrumentistas; e, munificente como um rei, ordenou peremptoriamente a Greamesh, que gratificasse aquelle exercito

com os melhores licores das suas bem fornecidas frosqueiras.

Greamesh, inclinou-se em signal de obediencia; mas deu perfeitamente a conhecer, que tinha de impôr a si proprio uma grande violencia, para occultar o desespero por que se achava dominado.

V

A noite estava escurissima. Ás nove horas o marinheiro Celestino não pôde resistir ao desejo de sahir de casa, debaixo do mais rigoroso incognito, para ouvir o que se dizia nos passeios publicos, a respeito d'elle e do seu companheiro.

Em *Phenix-Park* havia n'essa noite grande concorrencia. O marinheiro penetrou aqui e ali mysteriosamente por entre os grupos, e teve ensejo de satisfazer plenamente a sua curiosidade. As conversações, como era natural, tinham todas por assumpto obrigado o grande acontecimento do dia, isto é, o facto de haver sido posta em estado de sitio pelos dois marinheiros francezes a cidade de Dublin.

Os operarios das fabricas de Ricardo Schwab, os empregados do *Post-Office*, e os convivas habituaes

de Greamesh, todos mais immediatamente interessados do que os outros cidadãos n'aquella questão verdadeiramente singular, eram os que mais se faziam notar pela violencia das suas palavras, e pelo azedume dos seus commentarios.

O que se dizia nos grupos era, com pequenas variantes, o seguinte:

—Realmente não é justo que duas ou tres pessoas ricas paguem por toda a cidade. Só o capricho da philharmonica custou nada menos de duzentas libras ao pobre Greamesh!

—Se se prolonga esta loucura dos marinheiros francezes, d'aqui a oito dias Greamesh e Ricardo ficam a pedir esmola.

—O caso foi já participado ao governo...

—Triste recurso é esse! O governo nada pôde fazer...

—Pôde enviar tropas...

—Oral! das tropas riem-se os dois endiabrados marinheiros! Á mais leve ameaça, que lhes façam, são capazes de nos mandar visitar as estrellas!

—O peor ainda é que se esta formando em Dublin um grande partido em favor dos dois marinheiros...

—Um grande partido?

—É como lhes estou dizendo. Os pobres são todos favoraveis aos dois francezes, e ha pouco os musicos, depois de beberem os vinhos generosos do pobre Greamesh, deram vivas a Celestino... Oh! isto não pôde continuar assim.

—Escutem, escutem! os coristas composeram um hymno em honra dos dois marinheiros, e andam percorrendo as ruas com a philharmonica.

A multidão correu pressurosamente para a especie de procissão, que n'aquelle momento atravessava *Phoenix-Park*. Celestino voltou-se, e deu de rosto com Ricardo Schwab.

—Ah! não o perco de vista, não... lhe disse em voz baixa o fabricante de pannos.

—Tenha cuidado, sr. Ricardo Schwab, replicou Celestino. Não represente o papel de meu anjo da guarda... Tenha cuidado...

(Continua.)